

## Jesus Cristo: nosso redentor

*Pe Daniel D'Agnoluzzo Zatti*

A vida de Jesus de Nazaré tem sido estudada e lida com diferentes óticas desde as primeiras comunidades cristãs, que quiseram tornar documento suas tradições orais e passar com segurança para as gerações seguintes tudo o que se sabia de Jesus.

Logo nos primeiros séculos, findando as perseguições aos cristãos, estes iniciam um processo de esclarecimento sobre a figura desse homem que até hoje impressiona mesmo quem não o vê como o salvador.

A Cruz é a síntese do caminho de nossa salvação. Se Jesus é visto com olhares da soteriologia, é para sua entrega que se encaminha o eixo gravitacional das explicações.

No decorrer da evolução de nossa compreensão sobre ela, duas maneiras de vê-la se destacaram. Uma, é que ela se trata das consequências de um processo histórico da vida de Jesus. Outra, decorre na necessidade de através dela Deus tirar o pecado do mundo.

Não se pode considerar esse evento, divisor cósmico entre um antes e um depois, de forma unilateral: ou histórica ou teológica.

É a síntese entre os dois aspectos – que por analogia apontam para a dupla natureza do nazareno – que nos dão o olhar integral sobre sua Cruz: a história teológica desta.

Seu processo pode ser dividido em duas partes. Na primeira, ele é tido por blasfemador. Talvez a razão imediata de sua morte seja a purificação do templo e a profecia da sua destruição.

Jesus prega um rigorismo ético exigente e aconselhou desprendimento dos que o seguiam daquilo que é considerado comumente bom (família, posses, por exemplo). Por outro lado, relativizou as leis judaicas: “O sábado foi feito para o homem...” (Mc 2, 27)

Jesus apresenta, portanto, uma nova visão de Deus. O Deus de Jesus é o Deus da misericórdia e do amor, muito maior, por isso, que o dos fariseus, baseado nas obrigações impostas pela lei. Dessa forma, revolucionariamente, a pessoa se torna o lugar de acesso a Deus, não mais o templo.

A segunda parte do processo foi feita diante das autoridades romanas. Por elas, Jesus é condenado como agitador político. Jesus anuncia o Reino como reconciliação dos homens com Deus e entre si (reconciliação social), o que incide necessariamente na organização sociopolítica.

O poder, para Ele, está na verdade, no perdão e no amor aos inimigos, e não no teocratismo religioso, dessacralizando, assim, o imperador com seu poder.

A Cruz do Senhor, na Sua morte, trouxe inúmeros benefícios para a salvação da humanidade. Vejamos alguns:

Vitória sobre o pecado: com ela, emerge com força o sentido de unidade, reconciliação, paz com Deus, que, ao mesmo tempo, repercutem na unidade e na paz dos homens entre si, pois sem amor ao próximo, não há nenhum amor a Deus. Assim, está restaurada a justa relação das pessoas com Deus e delas entre si.

Vitória sobre a morte: o sentido da morte muda radicalmente com a morte de Jesus. Se antes ela era incerteza ou mesmo finitude, na Cruz ela se torna fonte de amadurecimento para a vida plena e definitiva, para a vida da ressurreição.

Mesmo aqueles que recebem a visita à mansão dos mortos, podem, a partir de então, decidir entre a adesão ao projeto de Deus ou seu afastamento definitivo.

Outra vitória é a da libertação das prescrições do Antigo Testamento. A lei foi ocasião de pecado pelo estímulo da tendência humana à auto-afirmação, pelo cumprimento literal da lei, de que pudesse alcançar a salvação em virtude das próprias forças. O cumprimento dos preceitos transforma-se em encontro com Deus e com os homens apenas na vinculação pessoal a Cristo.

Ainda, Jesus rompe com o reinado do diabo, pela reconciliação e paz com Deus, que garante paz entre os seres humanos.

Por fim, consegue o restabelecimento da ordem ontológica e jurídica (abre as portas do céu, outrora fechadas), padecendo em resgate de muitos.

Os tratados cristológicos, assim como toda a teologia, responde à sua própria história em diálogo com o tempo em que é desenvolvida, e assim progride. Importante, portanto, a consciência de onde estamos no caminhar cristológico.

Vejamos algumas ponderações a respeito de nosso teólogo Ratzinger:

#### 1. Teologia da encarnação e teologia da cruz:

Historicamente têm se dado ênfases ora a uma (no pensamento grego, no absurdo e maravilhamento do fato de Deus ter-se feito homem - otimismo) ora a outra (Paulo e posteriormente na Reforma – hipervalorização do pecado - pessimismo)

Essas polaridades na cristologia podem afastar uma a outra mutuamente quando se quer um esquema simplista de compreensão cristológica.

O ser de Cristo (teologia da encarnação) é desprendimento de si mesmo. Êxodo de si. Não é um ser que descansa em si mesmo e sim é o ato do ser enviado, do ser filho, do servir. Por outro lado, esse agir não é apenas agir, ele é ser, ele avança até as profundezas do ser e coincide com ele. Esse ser é êxodo, transformação. Por isso, uma cristologia bem entendida do ser e da encarnação precisa desembocar, nesse ponto, na teologia da cruz, tornando-se uma só com ela; e vice versa: uma teologia da cruz que vá até os limites de suas possibilidades precisa tornar-se cristologia do filho e cristologia do ser.

#### 2. Cristologia e doutrina da salvação (soteriologia):

Em resposta à pergunta do porquê da encarnação e da cruz, o segundo milênio da cristandade ocidental contenta-se com a teologia da satisfação vicária de Anselmo de Canterbury (1033-1109). Ela acaba afastando o ser de Cristo e os efeitos de sua encarnação;

Hoje, há muitos críticos dessa teoria, lógica e juridicamente perfeita, mas que pode levar a uma imagem medonha de Deus;

Em poucas palavras, como nos diz Gabriel Marcel, para Deus não importa o ter a humanidade, mas sim o seu ser.

Além disso, quando lemos a história da salvação com o olhar de São Paulo, ele vincula a história de Jesus com os efeitos de sua vinda, pois ensina a entender Cristo como o “último homem” (1 Cor 14,45) – como homem definitivo que leva o ser humano ao seu futuro que consiste em ser não apenas homem e sim um com Deus.

### 3. Cristo, o “último homem”

Jesus Cristo, como último homem, ou “último Adão”, é entendido como aquele ser humano exemplar e triunfante. Jesus ultrapassa o limite do ser humano. É só por isso que se torna o ser humano exemplar – pois o ser humano está tanto mais em si mesmo quanto mais ele estiver no outro. Ele só chega realmente a si na medida em que ele se afastar de si. Ele só chega a si mesmo pelo outro e poro ser no outro.

Se esse outro, porém, for um alguém qualquer, ele pode transformar-se na autoperdição do ser humano. Em última análise, o ser humano está destinado àquele outro, ao verdadeiro outro, a Deus. Ele está tanto mais em si quanto mais estiver no totalmente outro, em Deus. Isso significa que ele é totalmente ele mesmo quando deixar de estar em si mesmo, quando deixar de fechar-se e de afirmar-se, quando for abertura total em direção a Deus.

“Todos vós sois um em Jesus Cristo” (Gl 3,28). Ele é o ser humano em que a humanidade atinge o seu futuro, tornando-se, em grau máximo, ela mesma, porque, nele, ela toca no próprio Deus, participa dele e alcança a sua possibilidade verdadeira.

Verá n’Ele o movimento em direção àquele futuro do ser humano em que ele estará totalmente “socializado”, incorporado num todo único, mas sem que o indivíduo seja dissolvido, e sim tornado ele próprio.